

O ‘direito’ de mutilar: deficiência e biopolíticas de desumanização na Palestina¹

The ‘Right’ to Maim: Disablement and Inhumanist Biopolitics in Palestine

El "derecho" a mutilar: discapacidad y biopolítica inhumanista en Palestina

Jasbir K. Puar²

Tradutor: Renato Amantino Pereira³

Tradutor: Fabio A G Oliveira⁴

Resumo: Este ensaio defende que Israel manifesta uma reivindicação implícita ao “direito de mutilar” e debilitar corpos palestinos e seus territórios como uma forma central de controle biopolítico para uma economia humanitária cientificamente autorizada. Neste contexto, o presente texto rastreia as relações que permeiam entre o viver e o morrer que tensionam o mapeamento fundacional do biopoder em Michel Foucault – neste caso, a prática deliberada de mutilar. Ao fazer esse caminho, o texto demonstra as limitações da ideia de “dano colateral” que desarticula os efeitos da guerra a partir da perpetração da violência e observa que a política de mutilação é produtiva, como forma de epigenética armada através da rentabilidade de uma economia especulativa reabilitativa.

Palabras-chave: Palestina; “direito” de mutilar; biopolítica; dano colateral.

Abstract: This essay argues that Israel manifests an implicit claim to the ‘right to maim’ and debilitate Palestinian bodies and environments as a form of biopolitical control and as central to a scientifically authorized humanitarian economy. In this context, the essay tracks the permeating relations between living and dying that complicate Michel Foucault’s foundational mapping of biopower, in this case, the practice of deliberate maiming. In doing so it demonstrates the limitations of the idea of ‘collateral damage’ that disarticulates the effects of warfare from the perpetration of violence, and notes that the policy of maiming is a productive one, a form of weaponized epigenetics through the profitability of a speculative rehabilitative economy.

¹ O presente artigo foi publicado no ano de 2015 na Boderlands e-journal (v.14, n.1, 2015). Sua tradução para publicação neste dossiê especial da Revista Diversitates foi autorizada pela própria autora Jasbir K. Puar. Aproveitamos para expressar nossos agradecimentos tanto pela cessão dos direitos da autora para esta publicação quanto pela atenta correção e sugestões das pareceristas-revisoras que tornaram essa tradução mais fiel possível ao original. (Nota dos tradutores)

² Rutgers University, USA. Jasbir K. Puar é Professora Associada dos Estudos de Mulheres e Gêneros na Universidade Rutgers. Ela é autora de *Assembléias terroristas: homonacionalismo em tempos queer* (Duke University Press 2007), vencedora do Prêmio Livro de Estudos Culturais da Associação para Estudos Asiático-Americanos. Seus volumes editados incluem uma edição especial do GLQ (“Turismo queer: geografias da globalização”) e volumes coeditados do *Sociedade e Espaço* (“Sexualidade e Espaço”), *Texto Social* (“Interespécies”) e *Estudos Femininos Trimestrais* (“Viral”). Ela também escreve para o *The Guardian*, *Huffington Post*, *Art India*, *The Feminist Review*, *Bully Bloggers*, *Jadaliyya* e *Oh! Industry* (ver: jasbirpuar.com). A próxima monografia de Puar, *Estados de debilidade e capacidade* (Duke University Press, 2017) retoma as relações entre biopolítica, deficiência e formas de debilitação ativa fundamentais para as operações das máquinas de guerra e do capitalismo racial. O livro aparecerá em uma nova série, ANIMA, que ela coedita com Mel Chen.

³ Doutorando em Bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Bioética (PPGBIOS-UFF). Graduado em Letras Português/Inglês.

⁴ Professor de Filosofia da Educação da Universidade Federal Fluminense. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS-UFF).

Key Words: Palestine; “right” to main; biopolitics; collateral damage.

Resumen: Este ensayo sostiene que Israel manifiesta un reclamo implícito del "derecho a mutilar" y debilitar los cuerpos y entornos palestinos como una forma de control biopolítico y como un elemento central de una economía humanitaria científicamente autorizada. En este contexto, el ensayo rastrea las relaciones penetrantes entre vivir y morir que complican el mapeo fundamental del biopoder de Michel Foucault, en este caso, la práctica de la mutilación deliberada. Al hacerlo, demuestra las limitaciones de la idea de 'daño colateral' que desarticula los efectos de la guerra de la perpetración de la violencia, y señala que la política de mutilación es productiva, una forma de epigenética armada a través de la rentabilidad de una estrategia de economía especulativa.

Palabras Clave: Palestina; “derecho” a mutilar; biopolítica; daños colaterales.

I. Um catálogo de sofrimento

*Toda essa tortura na existência do colonizado tende a fazer da vida algo parecido com uma morte incompleta*⁵

Ainda é nebuloso como a carnificina do verão de 2014 será conhecida, lembrada ou nomeada. E isso pode ficar incerto por algum tempo.

A contagem é feita (embora em constante evolução) após 51 dias da Operação Margem Protetora.

As Nações Unidas relatam que 2.131 palestinos foram mortos durante a ofensiva de Israel, incluindo 501 crianças; 70% tinham menos de 12 anos. 244 escolas foram bombardeadas e uma foi usada como base militar por soldados israelenses^{6 7}.

O Ministério da Saúde em Gaza registrou 10.918 pessoas feridas, incluindo 3.312 crianças e 2.120 mulheres⁸.

⁵ Frantz Fanon, *A Dying Colonialism*, (New York: Grove Press), 128.

⁶ OCHA (United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs), “Occupied Palestinian territory: Gaza emergency”, Situation report 2014, http://www.ochaopt.org/documents/ocha_opt_sitrep_04_09_2014.pdf

⁷ R. Kasrils, “Gaza and the ‘crime of crimes’”, Al Jazeera 2014, <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/gaza-crime-crimes-201492664043551756.html>

⁸ Esta análise do papel de mutilação, certamente, também remete às passagens de abertura do livro *Vigiar e punir* de Foucault. O autor traça “o desaparecimento da tortura como espetáculo público”: a transição do espetáculo da punição pela tortura, especificamente a de arrancar os membros, que ficavam ao alcance de visão do público, para a rotinização da punição na prisão. A tortura continua sendo um ritual transgressivo, mas não mais um espetáculo. Tanto no espetáculo de mutilação quanto em sua domesticação na prisão, mutilar é um modo disciplinar de punição. Mas, através de sua incorporação endêmica e intrínseca na “maior prisão ao ar livre” do mundo (como Gaza é tão frequentemente chamada), a banalidade da mutilação torna-se uma forma de tortura que é crucial para como o controle funciona. É devolvido à esfera pública, mas ainda afastado de sua especularização, e assim normalizado como uma faceta da vida em vez de um ato de tortura. Em Gaza, a tortura não desaparece no privado, tampouco há um retorno ao espetáculo da tortura. Um pouco mais insidiosamente, a tortura é regularizada como integrante do colonialismo (Foucault 1977, p. 7).

A Organização Palestina pelos direitos humanos Al Mezan documentou pelo menos 10.589 casas danificadas ou destruídas, das quais 2.715 foram completamente esmagadas⁹. Relatórios posteriores afirmam que 18.000 casas foram destruídas, incluindo prédios de apartamentos altos¹⁰. Foram também atingidos 8 hospitais, com 6 se tornando inoperantes; 46 ONGs, 50 barcos de pesca, 161 mesquitas e 244 veículos. 80% das famílias gazanas atualmente não têm como se alimentar e estão completamente dependentes de ajuda¹¹.

A Anistia Internacional informou que pelo menos 13 unidades de saúde e 84 escolas foram forçadas a fechar^{12 13}.

Médicos Sem Fronteiras (*Médecins Sans Frontières* – MSF) tiveram dificuldade em chegar até populações que precisavam de assistência por conta da gravidade do bombardeio, da escassez de combustível, que por sua vez mantinha mais da metade das ambulâncias, e do esgotamento de suprimentos¹⁴. Vários hospitais foram danificados, contrariando a Convenção de Genebra que considera que os hospitais civis sejam protegidos durante a guerra, incluindo o Centro de Reabilitação el-Wafa da cidade de Gaza, em Shijaiyah, que foi alvo pelo menos 6 vezes, ficando severamente danificado. Seus 15 pacientes com deficiência e idosos finalmente conseguiram ser evacuados^{15 16}.

Isto é o que se entende quando se afirma que os moradores de Gaza estão “sob cerco”, um refrão comumente usado com a intenção de ocultar muito deste detalhe; recorri aqui a um desdobramento um tanto polêmico de informações empíricas, em parte para combater essa tendência de não evidenciar as especificidades da ocupação. Gaza também é pretensamente o lugar mais densamente povoado da Terra e, também, a maior “prisão ao ar livre” do mundo. Com o intuito de des-

⁹ Al Mezan (Center for Human Rights), “IOF declare intentions to commit further violations of international law in Gaza under international silence; Al Mezan: 2,142 Killed; 516 Children and 295 Women since 7 July”, Mezan 2014, http://www.mezan.org/en/details.php?id=19396&ddname=IOF&id2=9 &id_dept=9&p=center

¹⁰ B. Avni, “Plans to rebuild Gaza keep getting undermined”, Newsweek 2014, <http://www.newsweek.com/plans-rebuild-gaza-keep-getting-undermined-281694>

¹¹ R. Kasrils, “Gaza and the 'crime of crimes'”, Al Jazeera 2014, <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/gaza-crime-crimes-201492664043551756.html>

¹² Amnesty International, “Israel/Gaza: prevent further war crimes after Israeli ground assault”, 2014, <http://www.amnesty.org/en/news/israelgaza-prevent-further-war-crimes-after-israeli-ground-assault-2014-07-18>

¹³ A. Taylor. In the fight between Israel and Hamas, Gaza’s hospitals are in the middle”, Washington Post 2014a, <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/07/22/in-the-fight-between-israel-and-hamas-gazas-hospitals-are-in-the-middle/>

¹⁴ Doctors without Borders, “Gaza: a population under siege”, 2014, <http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/gaza-population-under-siege>

¹⁵ Amnesty International, “Israel/Gaza: prevent further war crimes after Israeli ground assault”, 2014, <http://www.amnesty.org/en/news/israelgaza-prevent-further-war-crimes-after-israeli-ground-assault-2014-07-18>

¹⁶ B. Alashi and S. A. Kouddous, “Israel bombs Gaza’s only rehab hospital: staff forced to evacuate paralyzed patients after shelling”, Democracy Now 2014, http://www.democracynow.org/2014/7/18/israel_bombs_gazas_only_rehab_hospital

mentir estas descrições pré-concebidas é o que Allen Feldman vai nomear de “novas formas de imagens, discurso, guerra, segurança e direitos de Estado sendo esculpido nas costas curvadas dos civis palestinos”¹⁷. Um dos aspectos biopolíticos que venho rastreando são as relações que permeiam entre o viver e morrer, que tensionam ou testam o arcabouço de fundamentação de Michel Foucault, neste caso, a prática de mutilação deliberada. Sustento que Israel manifesta uma reivindicação implícita do “direito de mutilar” e debilitar os corpos e o espaços palestinos como uma forma central de controle biopolítico para uma economia humanitária cientificamente autorizada. Demonstro, ainda, as limitações da ideia de “dano colateral” que desarticula os efeitos da guerra da perpetração da violência. Por fim, noto que a política de mutilação é produtiva, como forma de epigenética armada, através da rentabilidade do que chamo de economia especulativa reabilitativa.

Como se manifesta a prática de mutilação? A equipe médica de Gaza e da Cisjordânia relatam um notável fenômeno de “atirar para aleijar”. Em Ramallah, Dr. Rajai Abukhalil fala de uma mudança crescente dos “meios tradicionais”, como gás lacrimogêneo e balas de metal revestidas de borracha usados para “dispersar” protestos, para “[...] disparar contra os joelhos, fêmures ou apontar para seus órgãos vitais”¹⁸. Como continuidade e intensificação da prática de quebrar os braços dos lançadores de pedras na primeira Intifada, atiram para incapacitar as *tentativas*, para preventivamente debilitar as capacidades de resistência de outra Intifada: a próxima Intifada. Em Gaza, as Forças de Defesa israelenses usaram projéteis do tipo *flechette*¹⁹. Embora estes não sejam “expressamente proibidos sob o direito humanitário internacional em todas as circunstâncias”, eles são considerados inadequados para áreas densamente povoadas já que explodem em milhares de pequenos dardos de aço após o impacto^{20 21}.

O que é frequentemente reivindicado pelo FOI (Forças de Ocupação Israelenses, também conhecidas como Forças de Defesa Israelenses) como uma *práxis* “deixe viver”, entendido em termos liberais como menos violento do que matar (e, portanto, menos chocante e mais sob o radar), atirar para aleijar pode parecer, em um primeiro momento, uma abordagem humanitária para a

¹⁷ A. Feldman, “Genocidal desistance in Gaza”, *Social Text* 2014, <http://socialtextjournal.org/genocidal-desistance-in-gaza/>

¹⁸ M. Blumenthal, “Evidence emerges of Israeli ‘shoot to cripple’ policy in the occupied West Bank”, *Alternet*, 2014a, <http://www.alternet.org/world/evidence-emerges-israeli-shoot-cripple-policy-occupied-west-bank>

¹⁹ Flechette é o nome dado a uma espécie de pequeno dardo ou flecha pontiaguda feita de aço que explodem em contato com a superfície. (Nota dos tradutores)

²⁰ H. Sherwood, “UN officials accused of bowing to Israeli pressure over children's rights list”, *The Guardian* 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/mar/17/un-officials-accused-buckling-israeli-pressure-childrens-rights-list>

²¹ A. Withnall, “Israel-Gaza conflict: deadly flechette shells used by Israeli military in Gaza Strip”, *The Independent* (UK) 2014, <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/israel-gaza-conflict-israeli-military-using-flechette-rounds-in-gaza-strip-9617480.html>

guerra. Outra manifestação desse suposto humanitarismo é o exemplo da “batida do telhado”, um ataque preliminar às residências para alertar os moradores da necessidade de evacuarem a área, às vezes acontecendo não menos do que sessenta segundos antes de um ataque completo. No entanto, as batidas no telhado foram insuficientes quando palestinos deficientes, com restrições de mobilidade, não conseguiram escapar do bombardeio da Casa de Atendimento aos Filisteus de Mubaret para Órfãos e Deficientes (*Mubaret Philistine Care Home for Orphans and Handicap*), no distrito de Beit Lahiya, em Gaza: três moradores deficientes morreram²². Esses não eram residentes com mobilidade plena; isto é, a capacidade de mobilidade circunscreve a utilidade da batida do telhado, embora a própria intenção humanitária de um aviso de sessenta segundos antes do ataque já seja duvidosa²³.

Civis em Gaza também foram alertados sobre ataques aéreos iminentes através de telefonemas e mensagens de texto, muitas vezes direcionados para famílias e residências erradas. Esta suposta prática humanitária de alertar gazanos de ataques iminentes com telefonemas parece mais um “lembrete do quão impotentes eles são” diante do controle que Israel possui sobre as redes de telecomunicações na Cisjordânia e em Gaza²⁴. E conforme a pesquisa de Helga Tawil-Souri sobre documentos de “ocupação digital” mostra, as empresas de telecomunicações operadas e possuídas por palestinos são roteadas através de servidores em Israel^{25 26}.

O que aconteceu no verão passado²⁷ é precedido por muitos episódios semelhantes que ocorreram em períodos anteriores. Durante a segunda Intifada, houve relatos de que o FOI estava usando balas fragmentadas de “alta velocidade” que criaram um efeito de “tempestade de neve de chumbo” no corpo, espalhando a bala por toda parte e criando múltiplas lesões internas, levando a altas taxas de lesões incapacitantes²⁸. As balas dum-dum, que são proibidas pela lei internacional de direitos humanos, são difíceis de extrair uma vez que entram e explodem de dentro para fora do

²² B. Henderson, “Israel air strike ‘hits charitable association for disabled’ in Gaza”, *The Telegraph* 2014, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/israel/10963427/Israel-air-strike-hits-charitable-association-for-disabled-in-Gaza.html>

²³ P. Beaumont, “Disabled Palestinians unable to escape Israeli air strike”, *The Guardian* 2014a, <http://www.theguardian.com/world/2014/jul/12/disabled-palestinians-unable-escape-israeli-air-strike>

²⁴ A. Taylor, “Israel hopes phone calls to Palestinians will save lives. It ends up looking Orwellian”, *Washington Post* 2014b, <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/07/17/israel-hopes-phone-calls-to-palestinians-will-save-lives-it-ends-up-looking-orwellian/>

²⁵ Helga Tawil-Souri, “Hacking Palestine: a digital occupation”, *Al Jazeera* 2011, http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/11/201111715155960_1957.html

²⁶ Helga Tawil-Souri, “Digital occupation: Gaza’s high-tech enclosure”, *Journal of Palestine Studies*, 27-43 (2012).

²⁷ O texto foi originalmente escrito em 2015. Logo, essa passagem se refere ao verão de 2014. (Notas dos tradutores).

²⁸ L. Andoni and S. Tolan, “Shoot to maim”, *Village Voice* 2001, <http://www.villagevoice.com/2001-02-20/news/shoot-to-maim/>

corpo, e geralmente garantem que os atingidos “sofrerão por toda a vida”²⁹. O Dr. Robert Kirschner, do Médicos pelos Direitos Humanos, relatou que “os soldados israelenses parecem estar atirando para infringir dano e não apenas em legítima defesa”, e suas ações equivalem a “uma forma de tortura”³⁰. Dimo Qato, entre muitos outros pesquisadores e profissionais globais de saúde, afirma que “o padrão de lesões não pode ser considerado acidental”³¹.

Também documentados desde a segunda Intifada estão os “ataques israelenses aos prestadores de cuidados de saúde palestinos em serviço, e às instalações médicas Palestinas”, demonstrando um evidente desrespeito ao princípio da neutralidade médica, princípio ao qual Israel está vinculado pela Quarta Convenção de Genebra Artigos 18 e 20³². A Sociedade Palestina da Crescente Vermelha (SPCV), principal provedora de atendimento médico de emergência na Palestina, relatou 174 ataques documentados a suas ambulâncias durante um período de aproximadamente 18 meses: de setembro de 2000 a março de 2002, quando 78 das 100 ambulâncias disponíveis foram danificadas. Além disso, relatam 166 ataques a técnicos de emergência médica e tiros de metralhadoras pesadas atingindo a sede da SPCV³³. Outra violação relacionada à saúde que fere a Quarta Convenção de Genebra é a obstrução da “passagem de pacientes”, proibida pelo artigo 17; ou seja, atrasar ou impedir o acesso a instalações médicas – que é uma ocorrência cotidiana, mesmo em tempos de não-bombardeio devido ao regime de controle de Israel³⁴. O desrespeito do governo israelense às leis internacionais de direitos humanos em Gaza e na Cisjordânia, ao longo do tempo, levou à “destruição em larga escala do sistema de saúde em desenvolvimento, ao impedimento dos prestadores de cuidados de saúde locais e internacionais de desempenhar suas funções e à deterioração das condições de saúde dos palestinos”³⁵.

II. Guerra infraestrutural

²⁹ M. Blumenthal, “Evidence emerges of Israeli ‘shoot to cripple’ policy in the occupied West Bank”, Altnet 2014a, <http://www.altnet.org/world/evidence-emerges- israeli-shoot-cripple-policy-occupied-west-bank>

³⁰ Dimo Qato, “The politics of deteriorating health: the case of Palestine”. *International Journal of Health Services*, (2004): 351.

³¹ *Ibid.*, 351.

³² L. Jamjoum, “The effects of Israeli violations during the second uprising ‘Intifada’ on Palestinian health conditions”, *Social Justice* 29, (2002): 56.

³³ *Ibid.*, 56.

³⁴ R. Beste, “The reason why Israel killed so many pregnant women in Gaza”, Stop the War Coalition 2014, <http://stopwar.org.uk/news/the-reason-why-israel-is- killing-so-many-pregnant-women-in-gaza#.U9CG7-MaZZT>

³⁵ L. Jamjoum, “The effects of Israeli violations during the second uprising ‘Intifada’ on Palestinian health conditions”, *Social Justice* 29, (2002): 72.

Assim, não só os corpos estão sendo mutilados em Gaza, mas também os territórios. Em *Necropolítica*, Achille Mbembe escreve sobre a guerra assimétrica implicada na guerra infraestrutural ou na “guerra contra o suporte de vida”, que é chamado por ele de: a guerra contra a própria vida, sobre a capacidade do Estado de preservar e florescer a vida³⁶. Dois exemplos adicionais do verão de 2014 devem ser suficientes: o sistema de água de Gaza entrou em colapso e os serviços de tratamento de resíduos deixaram de funcionar, deixando o esgoto sem tratamento à céu aberto pelas ruas. Vários técnicos da autoridade hídrica foram mortos, comprometendo também os trabalhos de manutenção e reparo³⁷. Mesmo antes do verão, a deterioração da infraestrutura hídrica resultou em “os agregados familiares receberam água corrente por apenas seis a oito horas de cada vez: 25% tiveram acesso diariamente, 40% a cada dois dias, 20% uma vez a cada três dias, e os 15% restantes apenas um dia em quatro”³⁸. Uma tática aparentemente nova de guerra infraestrutural foi empregada durante a Operação Margem Protetora: a destruição da classe profissional de Gaza; “o alvo da classe profissional, um pilar fundamental da sociedade palestina em geral considerado antipático aos objetivos políticos do Hamas, foi uma nova frente de guerra econômica e social em Gaza”³⁹. Direcionar ataques às propriedades da classe média, focando nos arranha-céus, foi uma mensagem política àqueles que permaneceram, enquanto outros haviam conseguido migrar nos anos 2000 pelo Egito, quando a passagem foi permitida pelo regime fronteiriço.

Omar Jabary Salamanca detalha minuciosamente a redefinição, por parte do governo israelense, das redes de infraestrutura de Gaza como sendo “infraestruturas terroristas”, observando que essa lógica é utilizada como justificativa para a política de Israel que ele chama de “violência infraestrutural”. Esta forma de violência não diminuiu, ao contrário, aumentou após a “separação” israelense da Faixa de Gaza em 2005⁴⁰. O ataque à infraestrutura, argumenta Salamanca, é um componente essencial, até mesmo central, da regulação biopolítica de um colapso humanitário maleável pela qual “a infraestrutura de suporte à vida cotidiana tornou-se a um só tempo alvo e arma”⁴¹. A separação de Gaza facilitou o que pareceu ser o fim da presença colonial de Israel, permitindo-a reter formas “remotas” de controle infraestrutural – Gaza como prisão ao ar livre – manifestado-se

³⁶ Achille Mbembe, “Necropolitics”, *Public Culture* 15, (2003): 31.

³⁷ A. Haas and I. Efrati, “Gaza’s water system collapsing due to IDF strikes, says Red Cross”, *Haaretz* 2014, <http://www.haaretz.com/news/middle-east/premium-1.605332>

³⁸ A. Qandil, “Gaza faces imminent water crisis”, *Al Jazeera* 2014, <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/07/gaza-faces-imminent-water-crisis-201471755035576420.html>

³⁹ D. Cohen, “In the last days of ‘Operation Protective Edge’ Israel focused on its final goal—the destruction of Gaza’s professional class”, *Mondoweiss* 2014, <http://mondoweiss.net/2014/10/protective-destruction-professional>

⁴⁰ Omar Jabary Salamanca, “Unplug and play: manufacturing collapse In Gaza”, *Human Geography* 4, (2011).

⁴¹ *Ibid.*, 25.

como um novo presente colonial, elaborado através de um “regime de controle espacial recomposto” e que atua através da fabricação de um “colapso humanitário regulamentado”⁴². Nesse formato, ao qual Sari Hanafi chama de “espaçocídio”, o terreno depende do suporte infraestrutural do colonizador que se retirou, que agora regula calorías, *megawatts*, água, redes de telecomunicações, e instalação e alcance de banda larga, provendo o mínimo para sobrevivência, o mínimo suficiente para tentar esgotar ou impedir a resistência.

Salamanca chama isso de “a mudança de uma ‘regulamentação’ para uma aplicação de poder ‘asfixiante’”⁴³. O alvo aqui não é apenas a própria vida, mas a resistência em si. Salamanca cita o político israelense Dov Wiesglass, que afirma que “a política de Israel seria ‘como um encontro com um nutricionista. Os palestinos vão ficar muito mais magros, mas não vão morrer’”⁴⁴. Por causa desse controle asfixiante, Israel pode criar crises à vontade, já que fornece requisitos mínimos para sobrevivência que podem ser retirados a qualquer momento, o que ele chama “uma crise humanitária elástica”⁴⁵. Evidentemente, a capacidade de asfixia não é uma metáfora: enquanto a Cisjordânia é controlada, em grande parte, através de postos de controle, a Faixa de Gaza é sufocada através de pontos de estrangulamento. A intensificação do policiamento e controle, portanto, acontece através – e não apesar – da “retirada” e do desinvestimento; não através de postos de controle, mas através de pontos de estrangulamento.

Não é apenas a captura e o desnudamento da “vida em si”⁴⁶ que está em jogo aqui, mas a tentativa de capturar a “resistência em si”. Então, um cálculo que pode ser intrínseco aos objetivos de Israel é a medida de quanta resistência pode ser aniquilada sem realmente exterminar a população. Outra questão é, naturalmente, quais são os efeitos produtivos, resistentes e, de fato, criativos, de tais tentativas de esmagar a vitalidade, a força e a revolta palestina.

III. A biopolítica do colonialismo por povoamento⁴⁷

Essas práticas de debilitar corporal e infraestruturalmente, vagamente apagadas em relação à “força desproporcional”, indicam a extensão, ou talvez a mutação, do “direito de matar” reivindicada

⁴² Ibid., 26.

⁴³ Ibid., 30.

⁴⁴ Omar Jabary Salamanca, “Unplug and play: manufacturing collapse In Gaza”, *Human Geography* 4, (2011): 30.

⁴⁵ Ibid., 32.

⁴⁶ N. Rose, *The politics of life itself: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century* (Princeton: Princeton University Press, 2007).

⁴⁷ Expressão do original *Settler Colonialism*. (Nota dos tradutores)

do pelos Estados em guerra, ao que estou chamando de “direito de mutilar”. Mutilar como prática intencional expande a biopolítica além da simples questão do “direito de morte e poder sobre a vida”; mutilar se torna um vetor primário através do qual o controle biopolítico é implantado no espaço colonizado e, portanto, não facilmente demarcado “necro”, como é mapeado na reformulação da biopolítica de Mbembe. Ou seja, enquanto as distinções entre viver e morrer são frequentemente reconhecidas através dos “recortes” de raça e das “dobras” de construção e gestão populacional sobrepostas, mutilação, debilitação e o atrofiamento são componentes relativamente sub-teorizados desses cortes e dobras. Centralizar nesses processos pode potencialmente alterar completamente as relações prévias com o viver e o morrer.

Paralelamente à análise de como e por que Foucault desconsiderou uma teoria da ocupação colonial em sua formulação da biopolítica, nós devemos nos perguntar o que é biopolítica no século XXI – especialmente informados pelas estruturas em curso do colonialismo de povoamento. Intervenções recentes de Alex Weheliye e Mel Chen continuam levantando questões críticas sobre a formulação da raça na teorização da biopolítica^{48 49}. Segundo Weheliye, a raça só se tornou importante para Foucault quando se tornou uma questão relativa à gestão estatal europeia, não através do colonialismo. Para isso, Weheliye argumenta que a estruturação da biopolítica⁵⁰ é fundamentalmente falho, pois mesmo quando Foucault afirma que o recorte racial conduz a distinções biopolíticas, a separação da ocupação colonial de um racismo (tardio) de Estado relega à raça um *status* derivativo. A despeito das investigações vagas de Weheliye sobre o trabalho de Foucault, o que a análise dele e de outros evidencia é a escassez de teorização da biopolítica dos regimes coloniais, especialmente sobre o colonialismo por povoamento, do colonialismo como estrutura e não um evento^{51 52}. Além disso, Scott Morgensen observa, com razão, que o colonialismo por povoamento permanece indiferenciado dentro das teorizações da biopolítica do colonialismo, fazendo continuar a propagação do colonialismo como um evento passado ou dentro de determinado período de tempo⁵³.

O quadro da biopolítica apresentado Foucault é intrinsecamente dedicado às diferentes vulnerabilidades e saúde dos corpos. Em *Security Territory Population*, Foucault detalha os diferentes

⁴⁸ Alex Weheliye, *Habeas viscus: racializing assemblages, biopolitics, and black feminist theories of the human* (Durham: Duke University Press, 2014).

⁴⁹ Mel Chen, *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect* (Durham: Duke University Press, 2012).

⁵⁰ Optamos pela tradução “quadro da biopolítica” para quando Puar utiliza o termo “frame of biopolitics”. (Notas dos tradutores).

⁵¹ P. Wolfe, *Settler colonialism and the transformation of anthropology: the politics and poetics of an ethnographic event* (London: Bloomsbury Academic, 1999).

⁵² P. Wolfe, “Settler colonialism and the elimination of the Native”, *Journal of Genocide Research* 8, (2006).

⁵³ Scott Morgensen, “The biopolitics of settler colonialism: right here, right now”, *Settler Colonial Studies* 1, (2011).

regimes de poder associados a doenças distintas. A hanseníase é definida através do poder soberano de excluir: a praga através do poder disciplinar da quarentena; e a varíola torna-se gerenciada e regularizada como epidemia através do que Foucault chama de “regimes de segurança”. A formulação de regimes de segurança de Foucault informa muito de o que Gilles Deleuze mais tarde entenderia como parte integrante das “sociedades de controle”⁵⁴.

Em *Society Must Be Defended*, Foucault escreve que “[...] a biopolítica derivará seu conhecimento e definirá o campo de intervenção de seu poder em termos da taxa de natalidade, da taxa de mortalidade, das várias deficiências biológicas e dos efeitos do meio ambiente”⁵⁵. Aqui, a incapacidade é entendida como uma condição biologicamente produzida e não socialmente induzida. Em certo sentido, Foucault já estava inadvertidamente mapeando a elisão liberal entre deficiência, como um infeliz acidente ou circunstância, e incapacidade, como intrínseca à função de máquinas de guerra coloniais. As “deficiências biológicas” são, portanto, distintas da forma como a doença é algo que muda de epidemia para endemia; a endemia modula “a forma, natureza, extensão, duração e intensidade das doenças prevalentes em uma população [...] como fatores permanentes os quais [...] enfraqueceram a força das populações, encurtaram a semana de trabalho, desperdiçaram energia, e custaram dinheiro, tanto porque eles levaram a uma queda na produção e porque tratá-los foi caro”⁵⁶. É dentro do contexto de formas emergentes de bem-estar social que Foucault fala que a doença precisa ser reduzida, contida, isolada e, em alguns casos, abandonada, porque compromete a prosperidade do vetor “fazer viver”. O que está evidente na biopolítica contemporânea é que a vida econômica pode crescer sem o florescimento de grande parte da vida humana, o que significa precisamente que a eliminação e isolamento da doença não é mais um empecilho para, mas sim está implicada em “fazer viver”.

Como escreve Foucault, “o direito [antigo] de soberania era o direito de tirar a vida ou deixar viver [...] E então esse novo direito é estabelecido: o direito de viver e de deixar morrer”⁵⁷. Foucault observa que o antigo direito da soberania não foi substituído, mas complementado por esse novo direito “que o penetra, permeando-o”^{58 59}. Dadas as interpenetrações do poder soberano e biopolítico, um mapeamento que devemos estar continuamente alertas diz respeito a quais formas do

⁵⁴ Gilles Deleuze, *Postscript on control societies*. In: *Negotiations 1972-1990* (New York: Columbia University Press, 1997), 177.

⁵⁵ Michel Foucault, *Society must be defended*. In: *Lectures at the Collège de France 1975-76*, (London: Allen Lane, 2003), 245.

⁵⁶ *Ibid.*, 243-4.

⁵⁷ *Ibid.*, 241.

⁵⁸ *Ibid.*, 241.

⁵⁹ Agradeço a um leitor anônimo e também a Max Hantel por esclarecer este ponto para mim.

direito soberano de tirar a vida ou deixar viver estão operando. O direito soberano de mutilar implica todos os outros vetores ao mesmo tempo – fazer morrer e viver (porque a incapacidade pode ser produtivamente aproveitada para a reabilitação), bem como deixar viver e deixar morrer, ou o que Lauren Berlant chamou de “morte lenta”. No enquadramento de Berlant, a morte lenta se refere a uma população marcada pelo desgaste, uma decadência gradual de corpos que estão sobrecarregados e sem recursos⁶⁰.

Mutilar funciona tanto como uma lenta e simultaneamente intensiva forma de fazer morrer, quanto uma forma de mirar na mutilação é uma forma de ataque acelerado em ambas as frentes corporais e infraestruturais. Diferentes temporalidades de viver e morrer operam aqui: uma modulação diferente do tempo e uma reformulação das temporalidades da biopolítica; o alongamento do horizonte da vida (o que pode a vida nua suportar?); e a finalidade da morte em versões pervertidas de vida que não se parecem e não se sentem nem como a vida nem a morte, nem mesmo a morte atenuada. Nesta complicação das temporalidades e processos, a velocidade da biopolítica não se transforma pelas distinções entre rápida e lenta, responsiva e inerte, mas sim pela intensificação e amplificação da “vida em si”, e, de fato, a “resistência em si” como alvo de negligência, dano e reabilitação especulativa⁶¹

Se a morte lenta é conceituada principalmente através do vetor de “deixar morrer” ou “fazer morrer”, mutilar funciona como “não deixará morrer” e, seu suposto complemento humanitário, “não fará morrer”. A mutilação se disfarça de “deixe viver” quando, na verdade, age como “não deixará morrer”. Por exemplo, a política do Forças de Ocupação Israelenses (FOI) de atirar para mutilar, ou seja, não matar, muitas vezes é mal concebida como uma preservação da vida. Nesta versão da vida atenuada, nem viver nem morrer é o objetivo. Em vez disso, “não deixará morrer” e “não fará morrer” substituem completamente a coordenada “fazer viver” ou “deixar morrer”. Não é apenas o direito de matar, mas o direito de mutilar como exercício no domínio da soberania. Que tipo de soberania está sendo articulada quando o direito de matar é promulgado como um direito de incapacitar, de atingir tanto os corpos quanto a infraestrutura com o intuito de produzir a invalidez? Este elemento da biopolítica implica mirar para morte, mas não matar.

⁶⁰ Lauren Berlant, “Slow death (sovereignty, obesity, lateral agency)”, *Critical Inquiry* 33, (2007).

⁶¹ Outra referência: “Seria seguro assumir que a maioria das crianças Palestinas de dezesseis anos, ou as mais jovens, foram atingidas por tiros israelenses, espancadas por tropas israelenses ou colonos, ou asfixiadas, queimadas ou nauseadas por gases CS ou CN fabricados pelos EUA. As estatísticas e projeções de ferimentos infantis causados por tiros e espancamentos do FDI mostram que as crianças Palestinas foram massivamente alvo do FDI, e que o escopo dessas agressões foi muito além do que poderia ter sido necessário para conter manifestações e lidar com arremessos de pedras”. J. Graff, “Crippling a people: Palestinian children and Israeli state violence”, *Alif: Journal of Comparative Poetics* 13, (1993): 53.

As práticas de ocupação e de colonialismo por povoamento do Estado israelense podem muito bem ser racionalizadas através dos parâmetros convencionais de viver e morrer nos quatro quadrantes da gestão biopolítica de Foucault. O trabalho de Eyal Weizman, Sherene Seikaly e outros mostraram que as calorias permitidas em Gaza, a relação do número de mortes de membros do Hamas, o trânsito de combustível, materiais, suprimentos, todos esses parâmetros são mediados por uma linguagem especializada, cálculos algorítmicos e ciência racional e emoldurados em um discurso de guerra humanitária. Assim, o que estou explicitamente argumentando é que a partir das provas discursivas e empíricas oferecidas pelos palestinos, este quadro biopolítico fundacional é uma fantasia liberal que produz “deixe viver” como um alibi para o domínio colonial e, portanto, facilita a destruição secreta de “não deixará morrer”. É do ponto de vista dos ocupados, eu argumento, e não do poder do Estado nem da perspectiva do ocupador, que devemos apreender e enfrentar, revisando – desafiando, de fato – a teorização dos mecanismos de criação e manutenção da população via violência biopolítica. Como é expresso o “não deixará morrer”? Como a distinção entre morte e debilidade é minada? E como a capitalização dessa distinção ocorre ao mesmo tempo em que ofusca as práticas de mutilação deliberadas?

A debilitação da infraestrutura de Gaza é elaborada nesta declaração de Maher Najjar, vice-general dos Serviços de Água dos Municípios Costeiros de Gaza (CMWU):

Não há água chegando a nenhuma das casas agora. Estamos enfrentando uma catástrofe real. As bombas de esgoto não podem funcionar porque a usina foi destruída, então temos esgoto inundando as ruas de Gaza. Não podemos avaliar a extensão dos danos, pois não podemos sair sem arriscar nossas vidas agora. Tivemos cinco funcionários mortos enquanto faziam o trabalho de reparo, outros dois foram mortos em casa com suas famílias. Serão necessários mais de US\$ 20 milhões para reconstruir as redes de água e esgoto, mas não há como elas serem reconstruídas sob bloqueio. Temos o colapso total de todos os serviços essenciais e não há nada que possamos fazer a respeito. Acredite, seria melhor se os israelenses jogassem a bomba nuclear em Gaza e acabassem com tudo. Este é o pior ataque de todos os tempos na Faixa de Gaza (Cotação fornecida por:⁶²; parcialmente citado em:⁶³).

Aqui, a debilitação é oferecida como um destino pior do que a morte. Ao olhar a declaração de Najjar como discurso político mais do que a “verdade” da morte como uma forma de misericórdia, a estratégia deste discurso talvez seja expor a absoluta farsa da prática de “deixar viver” de Israel. Sugerir que a população de Gaza estaria melhor morta é certamente zombar do investimento liberal democrático de Israel em gestos humanitários de “deixe viver”. Najjar contesta cirurgica-

⁶² K. Schembri, “Exchange with Maher Najjar”, 2014, <https://www.facebook.com/karl.schembri/posts/10152139900211595>

⁶³ Y. Al-Helou, and A. Waters, “Lack of power keeps Gazans in dark during war”, USA Today 2014, <http://archive.thetimesherald.com/usatoday/article/13364225>

mente esse investimento, com uma visão de humanitarismo surpreendente. É como se a negação da morte – não deixará ou fará morrer – se tornasse um ato de desumanização: os palestinos nem são humanos o suficiente para a morte.

Além disso, a morte é preferível à incapacitação, uma postura que contraria o modelo de direitos humanos da deficiência. O motivo pelo qual a mutilação é especialmente marcante neste momento histórico é porque, em face do crescente reconhecimento da deficiência como uma identidade vulnerável que necessita de proteção dos direitos humanos estatais e globais, buscar debilitar ou agravar a deficiência contrasta fortemente com a propagação da deficiência como uma condição socialmente marginalizada que deve ser empoderada para e através de uma política liberal de reconhecimento. Além da hipocrisia distorcida do Estado israelense em relação às deficiências (que examino extensamente em *Diáspora deficiente, Estado reabilitador*, um capítulo do livro, *Estados de debilidade e capacidade*), sancionar a mutilação, que é distinto de sancionar os “danos colaterais” das mortes de civis, evidencia um profundo fracasso no enquadramento global dos direitos humanos da deficiência como uma diferença social protegida e apoiada – protegida e apoiada a menos que seja parte da tática de guerra de um regime colonial por povoamento, algo financeiramente apoiado pelos Estados Unidos. Isso é ainda mais irônico dado que Israel é signatário da Convenção das Nações Unidas para os Direitos das Pessoas com Deficiência⁶⁴ (bem como da CUN para os Direitos da Criança). Sem mencionar este outro contorcionismo da relação entre o aleijado e o deficiente: Gaza tem uma equipe paraolímpica, que é na verdade muito mais bem sucedida do que a equipe olímpica principal^{65 66}.

IV. Dano colateral

Israel não reivindica o “direito” real de mutilar da maneira que reivindica o direito à autodefesa e ao direito de matar na guerra. Em vez disso, estou argumentando que, ao desobedecer o protocolo internacional sobre a neutralidade médica – bombardear hospitais e agentes de saúde, parte de uma tática maior da guerra infraestrutural –, juntamente com a satisfação da determinação para

⁶⁴ M. Schulze, “Understanding the UN convention on the rights of persons with disabilities”, Handicap International 2010, http://www.hiproweb.org/uploads/tx_hidrtdocs/HICRPDManual2010.pdf

⁶⁵ N. Al-Mughrabi, “Gaza paralympians confident of success in London”, Reuters 2012, <http://www.reuters.com/article/2012/08/15/us-olympics-paralympics-palestine-idUSBRE87E0LD20120815>

⁶⁶ T. Degun, “Palestinian Paralympic Committee headquarters destroyed in Gaza bombings”, Inside the Games 2012, <http://www.insidethegames.biz/paralympics/1011785-palestinian-paralympic-committee-headquarters-destroyed-in-gaza-bombings>

minimizar as mortes de civis – também conhecidas como dano colateral — Israel secretamente decreta o direito de mutilar ao mesmo tempo em que promove de sua tentativa de evitar vítimas civis. À medida que o número de mortos de palestinos disparou, neste verão, em comparação com as mortes israelenses, muito menos espetacular e menos comentado, mas potencialmente mais deletério para o futuro do povo Palestino, está o número de civis feridos.

O vetor tiro para mutilar mas não matar converge, ou melhor, conspira, com o princípio de “dano colateral”, que afirma que a matança não intencional de civis, e a morte e o ferimento de crianças, se não deliberadamente alvejadas, é um dano colateral. Desde a guerra do Vietnã, técnicas altamente visíveis e desumanas de mutilar e destruir uma população tornaram-se inaceitáveis e esses objetivos foram alcançados através de formas de guerra mais sutis e de baixa intensidade⁶⁷. Mutilar escapa à ótica do dano colateral. Jennifer Leaning, diretora do FXB *Center for Health and Human Rights* da Universidade de Harvard, observa que “o número de mortos e o número de feridos transmitem a falsa impressão de que os feridos ficarão bem” (citado em:⁶⁸). Além disso, o processo de alvejar os deficientes como uma tática ilegítima, desumana e muitas vezes digna da força de choque – conforme refletido na resposta de horror quando a FOI bombardeou o Filisteus de Mubaret para Órfãos e Deficientes, matando três residentes deficientes – está então disponível para ofuscar a tática de alvejar *para* incapacitar.

Inúmeros debates sobre danos colaterais e intencionais *versus* mortes não intencionais de civis proliferaram durante o verão de 2014. Os críticos alegaram que Israel estava usando “fogo indireto e não guiado com projéteis altamente explosivos”, armas amplamente entendidas como “inadequadas para uma área densamente povoada”. Nadia Abu El-Haj escreve que os aliados israelenses proclamam que:

o exército israelense trava uma guerra com integridade moral. Que não tem como alvo os civis. Nunca pretende matá-los. Até adverte gazanos quando um ataque está chegando para que eles possam sair do caminho do perigo⁶⁹.

Abu El-Haj disseca o discurso da “não intencionalidade”, argumentando que “a maioria das mortes civis na guerra de contra-insurgência urbana pode ser ‘não intencional’, mas também são

⁶⁷ J. Graff, “Crippling a people: Palestinian children and Israeli state violence”, *Alif: Journal of Comparative Poetics* 13, (1993).

⁶⁸ H. Said and E. Zahriyeh, “Gaza’s kids affected psychologically, physically by lifetime of violence”, *Al Jazeera* 2014, <http://america.aljazeera.com/articles/2014/8/1/health-gaza-children.html>

⁶⁹ Nadia Abu El-Haj, “Nothing unintentional”, *London Review of Books*, LRB 2014, <http://www.lrb.co.uk/blog/2014/07/29/nadia-abu-el-haj/nothing-unintentional/>

previsíveis”⁷⁰. Laleh Khalili tem uma visão mais contundente, argumentando que civis não são vítimas acidentais, mas “o próprio objeto de uma contra-insurgência do colonialismo por povoamento”⁷¹. Mas a discussão sobre intencionalidade deixa outra possibilidade não dita: enquanto o propósito por trás das mortes de civis pode ser indiscernível, discutível, ou como Khalili afirma, com absoluta e indiscutível obviedade, o que o debate sobre as mortes de civis ofusca é o que pode bem ser a atividade intencional de mutilação: a proliferação de lesões que levam à debilitação permanente que permanecem não calculadas dentro das métricas de danos colaterais. Como um termo que emerge em 1961 e sinaliza a “dívida” da guerra, aquela que deve ser evitada e deve ser ressarcida, por que os danos colaterais desarticulam a debilitação a partir da morte? Tal desarticulação efetivamente desconecta o ato de perpetração violenta dos efeitos da violência. A terminologia oficial se adapta; por exemplo, a designação “restos explosivos de guerra” sugere que a guerra acabou e que os remanescentes, que vão de balas dum-dum a armamento tóxico e minas terrestres, são benignas, gerenciáveis ou insignificantes⁷².

Mutilar funciona, portanto, não como uma morte incompleta, ou um ataque acidental à vida, mas sim como o objetivo final na dupla produção de incapacidade permanente através do infligir danos e do colapso aos sistemas de suporte de vida que podem permitir que as populações se curem desse dano. É exigido mutilar. E isso não é meramente um subproduto da guerra, dos danos colaterais da guerra, mas sim usado para alcançar os objetivos táticos do colonialismo por povoamento. Isso funciona em dois níveis: (1) a mutilação dos seres humanos dentro de um contexto total e sistematicamente privado de recursos, um campo de infraestrutura que é incapaz de transformar o aleijado em deficiente – e esse ponto é crucial, pois parte do que o corpo deficiente que é saudado pelos discursos de direitos expõe é a disponibilidade do processo de reabilitação; (2) e, em segundo lugar, a mutilação da infraestrutura, a fim de prejudicar ou tornar os fisicamente saudáveis debilitados por meio do controle de calorias, água, eletricidade, suprimentos de saúde e combustível^{73 74}. Compreender a mutilação como objetivo específico da biopolítica torna evidente o enquadramento do colonialismo por povoamento como um projeto de eliminação dos indígenas através de genocídio ou assimilação. Isso nos exige reavaliar o quadro da biopolítica em relação às formas de mutilação

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Laleh Khalili, “A habit of destruction”, *Society and Space*, Society and Space 2014, <http://societyandspace.com/material/commentaries/laleh-khalili-a-habit-of-destruction/>

⁷² H. McFann, “Violent waste”, *Geographies of Waste* 2014, <http://www.geographiesofwaste.com/projects.html>

⁷³ S. Seikaly, “Counting calories and making lemonade in Gaza”, *Jadaliyya* 2012,

<http://www.jadaliyya.com/pages/index/8339/counting-calories-and-making-lemonade-in-gaza->

⁷⁴ Eyal Weizman, *The least of all possible evils: humanitarian violence from Arendt to Gaza* (New York: Verso Books, 2012).

(e atrofiação, que discutirei em breve) que se arrastam há séculos nas ocupações do colonialismo por povoamento). Examinar o papel da mutilação, não só na Palestina (embora esse seja meu foco principal aqui), mas também no Canadá, Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos, coloca um peso analítico na suposição de que o objetivo do colonialismo por povoamento é necessariamente a eliminação (ver:⁷⁵). O que a prática de mutilar sustentada – neste caso, sustentada desde a primeira Intifada, pelo menos – oferece ao colonialismo por povoamento? Qual é o valor, a longo prazo, do não deixar morrer, de reter a morte?

A produtividade de mutilar – “não deixará morrer” – é múltipla. Este terceiro vetor biopolítico, “não deixará, nem fará morrer”, mantém o número de mortes relativamente baixo em comparação com as lesões, ao mesmo tempo em que debilita completamente a população – uma depopulação lenta, através de mutilação dos corpos humanos. A morte após a morte, talvez anos depois, não contaria como uma morte de guerra, tal qual ocorre com a rápida administração das mortes de guerra. Onde terminam os números dos “danos colaterais” e onde começa a demarcação da “morte lenta”?

Além disso, debilitar torna-se extremamente rentável econômica e ideologicamente falando para o regime colonial de povoamento de Israel. Muitos setores aderem à “reabilitação” de Gaza após o cômputo da guerra: Israel, Egito, Estados do Golfo Árabe, atores de ONGs que estão incorporados nas economias corporativas do humanitarismo. As migalhas da reconstrução serão disputadas por meio de formas locais de controle mediadas pelo Hamas e pela Autoridade Palestina. Mas esses circuitos de lucro são desiguais e perversos; quem lucra e como são questões extremamente complexas, e nada honestas, em escala imperial. Por mais distintos que alguns desses atores possam parecer, o conjunto geral funciona para alimentar a validação econômica e ideológica de Israel. Todos os atores em jogo calculam a vida, a morte e a debilitação Palestina de acordo com diferentes métricas econômicas, geopolíticas e domésticas. Para os Estados do Golfo Árabe, essa disjunção entre a retórica e o resultado das trocas financeiras aponta para certos benefícios políticos, não apenas para o lucro em um sentido econômico, mas para o status de *favorecimento* dentro de uma ordem imperial liderada pelos Estados Unidos⁷⁶. Da mesma forma, o Egito, sob Abdel Fatah Al-Sis, é recompensado por uma disjunção entre política e retórica, recebendo ajuda militar e apoio para sua própria tirania doméstica em troca de desligar o fluxo de bens vitais para Gaza (enquanto condena

⁷⁵ L. Stevenson, “The psychic life of biopolitics: survival, cooperation, and Inuit community”, *American Ethnologist* 39, (2012).

⁷⁶ H. Hamid, “Why are the Arab Gulf countries silent on Gaza?”, *The Guardian* (UK) 2014, <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/aug/08/arab-gulf-states-silent-on-gaza>

os ataques aéreos israelenses publicamente)⁷⁷. Como Blumenthal ainda aponta, a equipe de consultores contratados pelo complexo de ONGs para supervisionar a reconstrução de Gaza (privatizada) vislumbra um futuro de fábricas produzindo zíperes e botões para marcas de moda israelenses. Os Estados Unidos e outros países ocidentais fornecem a maior parte do dinheiro para a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (*United Nations Relief and Works Agency* – UNRWA), fornecendo o dinheiro e as munições que vão para destruir a infraestrutura da UNRWA, como escolas e hospitais.

Como uma crise de saúde pública, Gaza representa agora uma perversão da estrutura de gestão da saúde proposta por Foucault, na medida em que alimenta os modelos capitalista dos desastres. Joseph Pugliese documenta que a Elbit, empresa cujos drones foram testados durante o ataque de Israel, registrou um aumento de 6% nos lucros durante o primeiro mês da Operação Margem Protetora⁷⁸. Conferências de doadores pós-ataque arrecadam bilhões de dólares para reconstruir a infraestrutura em Gaza, acumulação capitalista que, em última análise, alimenta o regime de Israel, em que pese a inevitabilidade de que Israel destruirá Gaza novamente⁷⁹. Apesar da “fadiga dos doadores”, devido ao ciclo de reconstrução da infraestrutura que certamente será arrasada mais uma vez, é mais provável que “os doadores paguem porque é muito mais fácil do que abordar as causas subjacentes de possíveis soluções para o conflito Israel-Palestina”⁸⁰.

Os compromissos de Israel em permitir que os cinco milhões de toneladas de materiais de construção necessários para reconstruir a Faixa de Gaza não resultam em nada; a partir de janeiro de 2015, apenas 3,9% desse material entrou em Gaza⁸¹. Os materiais para reconstruir Gaza são submetidos a uma supervisão administrativa massiva de Israel e da ONU, sob a alegação de que o cimento seja usado para reconstruir os túneis⁸². A manutenção da “política de separação” de Gaza da Cisjordânia faz parte da retenção econômica que subsidia licença a outras redes⁸³.

⁷⁷ M. Blumenthal, “International community promises to rebuild Gaza ... with sweat shops to exploit Palestini-an workers”, *Alternet* 2014b, <http://www.alternet.org/world/international-community-promises-rebuild-gaza-sweat-shops-exploit-palestinian-workers>

⁷⁸ J. Pugliese, “Forensic ecologies of occupied zones and geographies of dispossession”, *borderlands e-journal* 2015.

⁷⁹ D. Cohen, “In the last days of ‘Operation Protective Edge’ Israel focused on its final goal—the destruction of Gaza’s professional class”, *Mondoweiss* 2014, <http://mondoweiss.net/2014/10/protective-destruction-professional>

⁸⁰ IRIN, “Analysis: donors threaten to withhold Gaza aid”, *IRIN: Humanitarian News and Analysis* 2014 <http://www.irinnews.org/report/100690/analysis-donors-threaten-to-withhold-gaza-aid>

⁸¹ Gisha, “The Gaza Cheat Sheet: Real Data on the Gaza Closure”, 2015a, http://www.gisha.org/UserFiles/File/publications/Info_Gaza_Eng.pdf

⁸² P. Beaumont, “Corruption hampers effort to rebuild Gaza after summer conflict”, *The Guardian* 2014b, <http://www.theguardian.com/world/2014/dec/25/corruption-hampers-effort-to-rebuild-gaza>

⁸³ Gisha, “A Costly Divide: Economic Repercussions of Separating Gaza and the West Bank”, 2015b, [http://gisha.org/UserFiles/File/publications/a costly divide/a costly di vide en-web.pdf](http://gisha.org/UserFiles/File/publications/a%20costly%20divide/a%20costly%20di%20vide%20en-web.pdf)

Esses cálculos multifacetados sugerem que o direcionamento dos corpos palestinos como fonte de valor extrativista estejam para além da lógica aritmética de acumulação e se dirijam a um objetivo estratégico mais amplo de regeneração da estrutura de ocupação, tanto localmente em Gaza quanto globalmente, através dos muitos circuitos da ordem imperial. Dada a rentabilidade econômica da ocupação para inúmeros atores que estão, em última análise, em dívida com a legitimidade geopolítica e econômica de Israel, torna-se ainda mais urgente que estratégias de resistência como a Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) interrompam os circuitos da acumulação capitalista. Mais incisivamente, estratégias de resistências também devem responder ao chamado urgente de Ilana Feldman para romper o quadro obscuro do humanitarismo e interromper o ciclo de destruição e reconstrução que, em última análise, regenera a situação colonial⁸⁴. Anne Le More concorda que “a comunidade internacional de doadores financiou não só a ocupação contínua de Israel, mas também sua agenda expansionista – em detrimento do direito internacional, do bem-estar da população palestina, de seu direito à autodeterminação e dos objetivos e desenvolvimento políticos declarados pela própria comunidade internacional”⁸⁵.

Assim, uma interpretação aqui é que a debilitação dos gazanos não é simplesmente capitalizada em uma ordem econômica neoliberal que prospera na rentabilidade da debilidade, como é o caso em outros lugares, mas que os gazanos devem ser debilitados a fim de tornar a (suas) vida (vidas) produtiva(s). Talvez, diferentemente dos regimes coloniais e ocupação anteriores, onde a privação foi distribuída com o propósito de mutilar e, ao mesmo tempo, manter a mão-de-obra viva, há pouca necessidade de mão de obra palestina para sua própria produção. Em vez disso, o lucro é derivado do desmembramento da reprodução, uma função do capitalismo sem trabalho (em parte porque um aumento massivo do trabalho migrante tem sido usado para compensar a necessidade do trabalho Palestino) e, novamente, uma mudança do modelo de bem-estar com o qual Foucault trabalhou para uma formulação da biopolítica florescendo através e ao lado populações humanas (vida econômica crescendo sem vida humana). A este respeito, podemos dizer, juntamente com o direito de mutilar, Israel também está exercendo um “direito de reparação” soberano, que colhe lucro através de uma retenção especulativa e distribuição de reabilitação que é tática, condicional e controlada através da doutrina de segurança de Israel e em dívida com a lógica estratégica da eliminação lenta.

⁸⁴ Ilana Feldman, “Gaza’s humanitarianism problem”, *Journal of Palestine Studies* 38, (2009): 33-4.

⁸⁵ Anne Le More, “Killing with kindness: funding the demise of a Palestinian state”, *International Affairs* 81, (2005): 983.

V. Biopolítica preensiva⁸⁶

Existem rejeições interessantes, por parte de Israel, à contagem de mortos civis em Gaza que podem expor a lógica que sustenta o direito de mutilar. Tome, por exemplo, a inversão que Benjamin Netanyahu opera no vetor “fazer morrer”, de Israel para o Hamas, nesta declaração frequentemente citada, do verão de 2014:

[...] todas as baixas civis não são intencionais por nós, mas na verdade pretendidas pelo Hamas. Eles querem acumular o máximo de mortos civis que puderem, porque alguém disse que eles usam, quero dizer, é macabro, eles usam palestinos mortos telegenicamente⁸⁷ para sua causa. Eles querem os mortos, quanto mais, melhor⁸⁸.

Aqui, há uma resposta provisória para a pergunta, por que não apenas “fazer morrer”. O ato de “fazer morrer” é transferido para o Hamas como um desejo de “deixar morrer”. A ansiedade gerada pelo termo “dano colateral” – “quanto mais mortos, melhor” – é transformada em uma equação favorável ao invés de condenável. A afirmação, sugiro, serve mais do que uma projeção absurda; em contrapartida, ela pode realmente revelar um investimento em “não deixará morrer” que se estende como justificativa para o direito de mutilar, e para uma abordagem especulativa reabilitadora que determinará quando se deve deixar morrer, quando mutilar e quando “não deixará morrer”. Allen Feldman alude a uma razão pela qual “fazer morrer”, e até mesmo “deixar morrer”, não podem proveitosamente servir ao mandato do Estado israelense pós-genocida:

[...] a suposta fabricação da morte telegênica pelos palestinos implica ter seu conhecimento subjugado sobre a verdade genocida que tanto atrai quanto ameaça Netanyahu – pois em uma esfera pública euro-americana aculturada para o Holocausto, os palestinos se tornam mais atraentes e retoricamente persuasivos quando mortos do que quando vivos, quando televisualmente espiritualizados em vez de quando protestam ou resistem ou simplesmente suportam materialidades intratáveis da prisão. Netanyahu ataca a morte telegênica porque teme a bomba populacional de palestinos mortos e feridos, onde se tornam judeus simbólicos⁸⁹.

Dada a proibição e o valor dos “palestinos mortos” que Feldman mapeia em sua análise, vale a pena examinar a repetida alegação de que Gaza estaria inabitável até o ano de 2020. A pri-

⁸⁶ Traduzido do termo “prehesive”, preensiva, aqui, implica a qualidade daquilo que possui a faculdade de agarrar, segurar, controlar, prender ou apanhar. Aquilo que é preênsil, do inglês “prehensile”. (Nota dos tradutores)

⁸⁷ De acordo com o dicionário *online* Cambridge, o termo se refere aquele ou aquela que a possui uma aparência atrativa, um apelo na televisão. Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/telegenic> (Nota dos tradutores)

⁸⁸ Benjamin Netanyahu, Netanyahu, “Interviewed by Wolf Blitzer, CNN, 21 July”, 2014, <http://www.cnn.com/2014/07/20/world/meast/mideast-crisis-blitzer-netanyahu-interview/>

⁸⁹ A. Feldman, “Genocidal desistance in Gaza”, *Social Text* 2014, <http://socialtextjournal.org/genocidal-desistance-in-gaza/>

meira pergunta que devemos fazer é: como afirmar que Gaza é atualmente habitável? E então: com que métricas esse prognóstico foi calculado? Através de quais algoritmos preensivos? Por via de qual lógica naturalizada o agente de destruição que cria e sustenta Gaza como inabitável deduz completamente da referência sintática – como se o controle asfixiante que Salamanca detalha refletisse (mas na realidade autoriza) – a ordem orgânica das coisas? Como essa inevitabilidade é obtida? O preensivo autoriza um conjunto de fatos no terreno preditivo em termos de linguagem de risco e probabilidade que se estende a um “apocalipse” previsto; em outras palavras, a representação de Gaza como um desastre “natural” provável. O preensivo, como um acréscimo às formas reativas e preventivas de securitização, é sobre fazer com que o presente pareça exatamente necessário, de forma a garantir um resultado muito específico e singular no futuro. Uma observação de Michael Oren, ex-embaixador de Israel nos EUA, involuntariamente desvenda essa elisão gramatical postulando o inverso: “a vida em Gaza é miserável agora, mas se Israel tiver permissão para prevalecer [ou seja, destruir o Hamas], as circunstâncias podem melhorar significativamente”⁹⁰.

2020 funcionou como uma perversa linha do tempo apocalíptica que é muito familiar para nós agora, em grande parte através dos algoritmos preditivos mapeando para nós o fim do planeta devido às mudanças climáticas. O preensivo é produzido discursivamente como se isso estivesse acontecendo conosco, quando, de fato, fizemos acontecer – e, de fato, do ponto de vista de Netanyahu: queríamos que acontecesse. Através do tempo preensivo, não apenas o futuro já está definido pelo presente, mas as possibilidades do presente estão marcadas através da contenção da possibilidade de futuro em um esforço para manter o presente alinhado com uma versão do futuro que se deseja. Ao alimentar o futuro fixado no presente, os dados avançam de forma retroativa que nos desautoriza do presente. Ou seja, não podemos sair do presente porque estamos presos ao futuro desejado. Essas futuridades preensivas são completamente ressonantes agora: em alguns anos, os caucasianos serão a minoria na Califórnia. “X” números de espécies serão extintos em alguns anos. O que esse preensivo controle do presente para possibilitar um certo futuro pode sugerir é que a “solução” para o “conflito Israel/Palestina” pode muito bem, para Israel, não ser nem um Estado nem dois Estados, mas sim o *status quo* do presente. Em outras palavras, uma implicação aterrorizante é que Israel já tem sua solução: o colonialismo por povoamento.

⁹⁰ Michael Oren, ‘Israel must be permitted to crush Hamas’, *Washington Post* 2014, http://www.washingtonpost.com/opinions/michael-oren-israel-must-be-permitted-to-crush-hamas/2014/07/24/bd9967fc-1350-11e4-9285-4243a40ddc97_story.html

Há outra reviravolta nessas temporalidades: a multiplicidade de narrativas preensivas concorrentes que desafiam o selo hermenêutico. 2020 é também o ano previsto para quando os palestinos superam a população israelense judia. Os palestinos em Israel e nos Territórios Ocupados superarão os judeus em entre 7,2 e 6,9 milhões de pessoas^{91 92}. A população palestina dentro das fronteiras de Israel delimitadas 1948, está aumentando 33% mais rápido que os judeus israelenses⁹³. Se de fato Israel precisa dos recursos de gás de Gaza a partir de 2017^{94 95}, se de fato até 2020 Gaza for inabitável⁹⁶, esses prazos revelam tanto sobre as contrações e aceleração de ritmo exigidas dentro dos parâmetros da morte lenta quanto sobre expectativa de vida.

Mas 2020 é apenas uma linha do tempo humana? Se a temporalidade em si já está sufocada pelo poder biopolítico, reivindicar acesso irrestrito à futuridade já se baseia no genocídio ou morte lenta de outros. A invocação de 2020 marca o limite de pensar o tempo biopolítico em termos humanos, gesticulando em direção a temporalidades que são exercidas em termos não reprodutivos, uma vez que a reprodução humana não mais impulsiona singularmente o motor da biopolítica. Gaza não é apenas o tempo do viver humano, e “tempo populacional”, mas também versões do tempo desumano. O trabalho de Mel Chen⁹⁷ sobre toxicidade nos alerta para a questão da meia-vida do urânio empobrecido, que é algo próximo de 4,5 milhões de anos, e outros elementos depositados através de armas e guerras infraestruturais. O tempo preensivo, portanto, também sinaliza uma epigenética armada onde o resultado não é tanto sobre ganhar ou perder, ou sobre uma solução, mas sobre a necessidade de partes do corpo (nem mesmo corpos inteiros) para pesquisa e experimentação. Como Reza Negarestani tão magnífica e antecipadamente nos mostra, os limites do enquadramento não humano/(in)humano já são exibidos através de sua implantação precisa dentro do capitalismo, revelando a necessidade de teorizar uma biopolítica desumana; os não humanos, pós-humanos e desumanos estão completamente submissos aos circuitos do capitalismo que informam o

⁹¹ PCBS (Palestinian Central Bureau of Statistics), “On the 65th anniversary of the Palestinian Nakba”, 2013,

<http://www.pcbs.gov.ps/site/512/default.aspx?tabID=512&lang=en&ItemID=788&mid=3171&wversion=Staging>

⁹² Deutsche Presse-Agentur, “Palestinians to outnumber Jewish population by 2020, report says”, 31 December, published in Seattle Times 2012, http://seattletimes.com/html/nationworld/2020031415_palestinianpopulation.xml.html

⁹³ J. Chamie, “By 2035, Jewish population in Israel/Palestine is projected at 46 percent”, Mon-doweiss 2014,

<http://mondoweiss.net/2014/02/population-israel-palestine-projected#sthash.n5jmabrE.dpuf>

⁹⁴ N. Ahmed, “Armed robbery in Gaza—Israel, US, UK carve up the spoils of Palestine's stolen gas”, The Ecologist 2014a, http://www.theecologist.org/News/news_analysis/2489992/armed_robbery_in_gaza_israel_us_uk_carve_up_the_spoils_of_palestines_stolen_gas.html

http://www.theecologist.org/News/news_analysis/2489992/armed_robbery_in_gaza_israel_us_uk_carve_up_the_spoils_of_palestines_stolen_gas.html

⁹⁵ N. Ahmed, “IDF's Gaza assault is to control Palestinian gas, avert Israeli energy crisis”, The Guardian 2014b,

<http://www.theguardian.com/environment/earth-in-sight/2014/jul/09/israel-war-gaza-palestine-natural-gas-energy-crisis>

⁹⁶ UNRWA, “Gaza in 2020: a liveable place?”, 2012, <http://www.unrwa.org/newsroom/press-releases/gaza-2020-liveable-place>

⁹⁷ Mel Chen, *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect* (Durham: Duke University Press, 2012).

poder biopolítico⁹⁸. Mutilar, então, também é necessário para explorar o projeto de verticalização que Eyal Weizman detalha. Para ele, a verticalização acontece através da produção de espaço militar israelense expandido através de renderizações tridimensionais de entidades aéreas, terrestres e subterrâneas que proporcionam crescente legitimação do domínio israelense através da colonização do espaço e do tempo⁹⁹. Steven Salaita escreve, em *Israel's Dead Soul*, que a interioridade é concedida ao sujeito israelense judeu através da produção de profundidade – da história, da arqueologia, da presença¹⁰⁰. Através da prática de mutilar, atrofiar e debilitar, os palestinos são ainda mais literalizados e lateralizados como superfícies, como corpos sem almas, como pura biologia, assim ironicamente tornados não humanos, parte da criação de economias superficiais de controle, e capturados em cálculos temporais não humanos.

VI. Sem futuro

As crianças palestinas em Gaza estão no que a liderança militar israelense chamou de dieta de fome. Você tem quase 80% das crianças palestinas vivendo com menos de US\$ 1 por dia. Eles estão em níveis do que chamamos de pobreza e pobreza extrema, com extensa insegurança alimentar. Essa é apenas outra maneira de dizer que a maioria das crianças palestinas em Gaza vão para a cama com fome todos os dias, então sua ingestão calórica foi significativamente reduzida desde que o cerco começou nos últimos sete anos. Além do número reduzido de calorias que eles ingerem, o tipo de nutrientes que eles estão recebendo também é diminuído, então o que vemos é esse fenômeno médico chamado desnutrição, que resulta em menores pesos ao nascer para crianças palestinas. O peso médio deles está diminuindo. Sua altura e peso estão abaixo do que você consideraria básico, de acordo com valores de normas internacionais para crianças dessa idade (Dr. Jess Ghannam citado em: ¹⁰¹).

E, finalmente, nos voltamos à questão do tempo geracional: “as crianças palestinas em Gaza são expostas a mais violência em sua vida do que qualquer outra pessoa, qualquer outra criança, em qualquer lugar do mundo”¹⁰². O trauma palestino é ofuscado, classificado como impossível através de “uma montagem de leis, políticas, narrativas, símbolos e práticas que renomearam trauma e sofrimento dos despossuídos com terminologia colonial”¹⁰³. Essa terminologia rebaixa os palestinos à condição de “presentes-ausentes”, “ameaças à segurança” e “ameaças demográficas”¹⁰⁴. Inúmeros

⁹⁸ Reza Negarestani, *Drafting the inhuman: conjectures on capitalism and organic necrocracy*. In: L. Bryant, N. Srnicek and G Harman (eds), *The speculative turn: continental materialism and realism* (Melbourne: re.press, 2011).

⁹⁹ Eyal Weizman, *The least of all possible evils: humanitarian violence from Arendt to Gaza* (New York: Verso Books, 2012).

¹⁰⁰ Steven Salaita, *Israel's dead soul* (Philadelphia: Temple University Press, 2011).

¹⁰¹ H. Said and E. Zahriyeh, “Gaza’s kids affected psychologically, physically by lifetime of violence”, *Al Jazeera* 2014, <http://america.aljazeera.com/articles/2014/8/1/health-gaza-children.html>

¹⁰² *Ibid.*

¹⁰³ A pedido da autora, parte desta sentença foi suprimida da versão original publicada. (Nota dos tradutores)

¹⁰⁴ Nadera Shalhoub-Kevorkian, “Criminality in spaces of death: the Palestinian case study”, *British Journal of Criminology* 54, (2014b).

estudos têm documentado os efeitos em curso sobre as crianças em estado de sítio, envolvendo prisões, assaltos, invasões domiciliares, testemunho de mortes e a perda de infraestrutura familiar e comunitária. O impacto psicológico nas crianças tem sido considerado uma forma de “Transtorno de Estresse Pós-Traumático Contínuo”, enquanto a política israelense de regulação calórica ou a “dieta da fome” levou ao que os médicos chamam de “desnutrição”. A exposição ao fósforo branco do chumbo fundido e a contaminação do solo por materiais radioativos de bombas israelenses levaram ao aumento de deficiências congênitas¹⁰⁵. Em um artigo recente, Nadera Shalhoub-Kevorkian demonstra que “as crianças são agora um dos principais alvos do Estado israelense”, em grande parte porque são produzidas como “sempre já terroristas” e tornadas não humanas¹⁰⁶. Os esforços de organizações de direitos humanos para colocar as Forças de Ocupação Israelenses (ou Força de Defesa Israelense) em uma lista das Nações Unidas de graves violadores dos direitos humanos, devido à morte de mais de 500 crianças e por ferir pelo menos 3.300 no verão passado, foram em vão e aparentemente paralisados devido à pressão política do Estado israelense¹⁰⁷.

Mais uma vez, este não é uma novidade recente. Pesquisas anteriores sugerem que as crianças se tornaram um alvo principal durante o segundo ano da primeira Intifada. Relatórios da UNRWA e do Centro de Informações dos Direitos Humanos da Palestina (CIDHP), com sede em Jerusalém, documentam que mais de 41.000 crianças de dezesseis anos ou menos foram tratadas por ferimentos de bala, ferimentos causados por espancamentos e exposição a gases CS e CN entre 1987 e 1992¹⁰⁸. Em 1992, o Programa Comunitário de Saúde Mental de Gaza (PCSMG) informou que “89% de uma amostra aleatória de 1.564 crianças entre oito e quinze anos tinham sofrido ataques de soldados israelenses; 45% foram submetidas a espancamentos”¹⁰⁹. Durante o meio da primeira Intifada, a UNRWA relatou um declínio no número de mortes de crianças devido a tiros israelenses e um aumento acentuado no número de feridos¹¹⁰. Estudos da segunda Intifada começam a demonstrar a somatização do trauma e outros problemas de saúde mental entre os jovens^{111 112 113}. Nesse

¹⁰⁵ Optamos por traduzir a expressão “birth defects” por “deficiência congênita” (Nota dos tradutores).

¹⁰⁶ Nadera Shalhoub-Kevorkian, “Palestinian children as tools for ‘legalized’ state violence”, *borderlands* 13, (2014a), http://www.borderlands.net.au/Vol13No1_2014/shalhoub-kevorkian_children.htm

¹⁰⁷ H. Sherwood, “UN officials accused of bowing to Israeli pressure over children's rights list”, *The Guardian* 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/mar/17/un-officials-accused-buckling-israeli-pressure-childrens-rights-list>

¹⁰⁸ J. Graff, “Crippling a people: Palestinian children and Israeli state violence”, *Alif: Journal of Comparative Poetics* 13, (1993): 47.

¹⁰⁹ *Ibid.*, 47.

¹¹⁰ J. Graff, “Crippling a people: Palestinian children and Israeli state violence”, *Alif: Journal of Comparative Poetics* 13, (1993): 50.

¹¹¹ A. Thabet and P. Vostanis, “Child mental health problems in the Gaza Strip”, *The Israeli Journal of Psychiatry and Related Sciences* 42, (2005).

sentido, Samir Qouta e Iyad El Sarraj observaram que “[...] as crianças palestinas tornaram-se laboratórios para estudar a relação entre trauma e violência, conflitos e bem-estar das crianças durante a guerra”¹¹⁴.

Mirar a juventude, não para a morte, mas para a “desnutrição”, para lesões físicas, psicológicas e cognitivas, é outro aspecto dessa tática biopolítica que busca tornar impotente qualquer resistência futura; ou seja, a capacidade futura de sustentar a vida palestina em seus próprios termos, debilitando, assim, o tempo geracional. São especialmente lesões cognitivas e psicológicas que têm efeitos traumáticos de longo alcance e que potencialmente debilitam quaisquer capacidades resistentes das gerações futuras. Vale a pena afirmar uma questão óbvia, mas talvez não percebida: esta é uma fantasia biopolítica, que a resistência pode ser localizada, despojada e esvaziada. “Resistência em si” torna-se alvo de métricas computacionais: como medir, calcular e capturar a resistência? Mas não só o controle biopolítico é uma montagem fundamentalmente produtiva; a irreduzibilidade ontológica da “resistência em si” é esquivada, na melhor das hipóteses.

Samira Esmeir, escrevendo sobre as “guerras experimentais” de Israel em Gaza, afirma que “Gaza se tornou um literal campo de testes para os vários experimentos de Israel [...] Como um poder de ocupação, Israel transformou Gaza em um laboratório impondo sobre ela diferentes formas de confinamentos que culminaram em um cerco imposto e mantido desde 2006”¹¹⁵. Quais são os termos de Gaza-como-laboratório na busca por controle completo do ar, do espaço e do solo? Uma economia completamente saturada de controle espacial e temporal? Gaza é um laboratório experimental para a produção, manutenção e rentabilidade da debilitação biopolítica, um experimento que tem minado as infinitas potencialidades da dissidência entre a morte e a debilidade, e a potencialização do tempo não humano? E, ainda assim, laboratórios, e até mesmo muitas prisões, têm melhores condições de vida do que os palestinos na Faixa de Gaza. Gaza é emblema da rentabilidade de uma economia especulativa reabilitadora onde corpos debilitados são mais valiosos do que os mortos, uma vez que se mantêm os corpos na condição de capital circulatório, não como trabalhadores enfraquecidos e dóceis, mas como partes que podem sofrer experimentações arbitrá-

¹¹² A. Thabet and P. Vostanis, “Impact of political violence and trauma in Gaza on children’s mental health and types of interventions: a review of research evidence in a historical context”, *International Journal of Peace and Development Studies* 2, (2011).

¹¹³ A. Thabet et al., “Comorbidity of post traumatic stress disorder, attention deficit with hyperactivity, conduct, and oppositional defiant disorder in Palestinian children affected by war on Gaza”, *Health* 5, (2013).

¹¹⁴ Samir Qouta and Iyad Sarraj, “Prevalence of PTSD among Palestinian children in Gaza Strip”, *Arab-psynet Journal* 2, (2004): 11.

¹¹⁵ Samira Esmeir, “Colonial experiments in Gaza”, *Jadaliyya* 2014, <http://www.jadaliyya.com/pages/index/8482/colonial-experiments-in-gaza->

rias em suas formas de vida e suas diversas temporalidades. A mutilação é um requisito para esta economia, pela qual o colonialismo por povoamento é naturalizado através de um foco no *status* e na regulação da ocupação.

Ofereço esta análise nas bases do que Jord/ana Rosenberg chamou de uma “hermenêutica antissionista”, aquela que insiste em falar a verdade da debilitação como outra forma de governo biopolítico¹¹⁶. Uma hermenêutica antissionista que busca não excepcionalizar a Palestina, nem torná-la visível através da contenção de um quadro comparativo, mas sim para entender as intensificações dos modos biopolíticos de controle que são contínuos e ressonantes com os modos históricos, através de espaços geopolíticos contemporâneos. A Palestina, nesse sentido, fornece uma base epistemológica que abre um tecido conjuntivo entre regiões, regimes de poder, lugares de produção de conhecimento, escavações históricas e lutas solidárias pela libertação. Tal hermenêutica reconhece as condições atuais de mudança na academia estadunidense – histórica e relativamente fechadas, como nos lembram os escritos de Edward Said – pela possibilidade de um debate genuíno sobre o que ele chamou de “A questão da Palestina”. O objetivo deste artigo, no entanto, não é afirmar um uso instrumentalista de tal projeto, nem mobilizar a Palestina a fim de fundamentar uma teorização corretiva às teorizações eurocêntricas da biopolítica. O objetivo final desta análise é o de contribuir com o processo de uma Palestina Livre.

Agradecimentos

Pelo engajamento crítico com estas ideias, agradeço ao público da UC Santa Cruz, Universidade de Otago na Nova Zelândia, Universidade de Yale, Universidade do Colorado Boulder, Colorado College, Universidade do Arizona e Universidade Wesleyana. Sou grata por conversas sustentadas com Maya Mikdashi, Omar Dewaschi e Joseph Pugliese, e pelas astutas sugestões de edição de Nadera Shalhoub-Kevorkian e de dois leitores anônimos. Max Hantel forneceu uma assistência de pesquisa oportuna e astuta, mas, mais importante, o diálogo contínuo ao longo da escrita desta peça. Tenho sorte de ter a animada companhia de Jord/ana Rosenberg, cujo pensamento inspirador amplifica cada conversa, debate e ideia.

Referências bibliográficas

Abu El-Haj, N. “Nothing unintentional”. London Review of Books 2014.
<http://www.lrb.co.uk/blog/2014/07/29/nadia-abu-el-haj/nothing-unintentional/>

¹¹⁶ Jord/ana Rosenberg. “Discussão dada no SOAS. Parte do ‘Reflection on Dispossession’”, 2014.

- Ahmed, N. “Armed robbery in Gaza—Israel, US, UK carve up the spoils of Palestine's stolen gas”. *The Ecologist* 2014a, http://www.theecologist.org/News/news_analysis/2489992/armed_robbery_in_gaza_israel_us_uk_carve_up_the_spoils_of_palestines_stolen_gas.html
- Ahmed, N. “IDF's Gaza assault is to control Palestinian gas, avert Israeli energy crisis”. *The Guardian* 2014b. <http://www.theguardian.com/environment/earth-insight/2014/jul/09/israel-war-gaza-palestine-natural-gas-energy-crisis>
- Al Mezan Center for Human Rights. “IOF declare intentions to commit further violations of international law in Gaza under international silence; Al Mezan: 2,142 Killed; 516 Children and 295 Women since 7 July”. *Mezan* 2014. http://www.mezan.org/en/details.php?id=19396&ddname=IOF&id2=9&id_dept=9&p=center
- Alashi, B. and Kouddous, S. A. “Israel bombs Gaza’s only rehab hospital: staff forced to evacuate paralyzed patients after shelling”. Interviewed by A Goodman & J Gonzaleze. *Democracy Now* 2014. http://www.democracynow.org/2014/7/18/israel_bombs_gazas_only_rehab_hospital
- Al-Helou, Y. and Waters, A. “Lack of power keeps Gazans in dark during war”. *USA Today* 2014. <http://archive.thetimesherald.com/usatoday/article/13364225>
- Al-Mughrabi, N. “Gaza paralympians confident of success in London”. *Reuters* 2012. <http://www.reuters.com/article/2012/08/15/us-olympics-paralympics-palestine-idUSBRE87E0LD20120815>
- Amnesty International. “Israel/Gaza: prevent further war crimes after Israeli ground assault”. *Amnesty* 2014. <http://www.amnesty.org/en/news/israelgaza-prevent-further-war-crimes-after-israeli-ground-assault-2014-07-18>
- Andoni, L. and Tolan, S. “Shoot to maim”, *Village Voice* 2001. <http://www.villagevoice.com/2001-02-20/news/shoot-to-maim/>
- Avni, B. “Plans to rebuild Gaza keep getting undermined”. *Newsweek* 2014. <http://www.newsweek.com/plans-rebuild-gaza-keep-getting-undermined-281694>
- Beaumont, P. “Disabled Palestinians unable to escape Israeli air strike”. *The Guardian* 2014^a. <http://www.theguardian.com/world/2014/jul/12/disabled-palestinians-unable-escape-israeli-air-strike>
- Beaumont, P. “Corruption hampers effort to rebuild Gaza after summer conflict”. *The Guardian* 2014b. <http://www.theguardian.com/world/2014/dec/25/corruption-hampers-effort-to-rebuild-gaza>
- Berlant, L. “Slow death (sovereignty, obesity, lateral agency)” *Critical Inquiry* 33, 754-780 (2007).

- Beste, R. "The reason why Israel killed so many pregnant women in Gaza". Stop the War Coalition 2014. <http://stopwar.org.uk/news/the-reason-why-israel-is-killing-so-many-pregnant-women-in-gaza#.U9CG7-MaZZT>
- Blumenthal, M. "'Evidence emerges of Israeli 'shoot to cripple' policy in the occupied West Bank". Altnet 2014a. <http://www.altnet.org/world/evidence-emerges-israeli-shoot-cripple-policy-occupied-west-bank>
- Blumenthal, M. "International community promises to rebuild Gaza ... with sweat shops to exploit Palestinian workers". Altnet 2014b. <http://www.altnet.org/world/international-community-promises-rebuild-gaza-sweat-shops-exploit-palestinian-workers>
- Chamie, J. "By 2035, Jewish population in Israel/Palestine is projected at 46 percent". Mondoweiss 2014. <http://mondoweiss.net/2014/02/population-israelpalestine-projected#sthash.n5jmabrE.dpuf>
- Chen, M. *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect*. Durham: Duke University Press, 2012.
- Chick, K. "Under fire in Gaza, and not a drop to drink", Christian Science Monitor". C S Monitor 2014. <http://www.csmonitor.com/World/Middle-East/2014/0724/Under-fire-in-Gaza-and-not-a-drop-to-drink-video>
- Cohen, D. "In the last days of 'Operation Protective Edge' Israel focused on its final goal—the destruction of Gaza's professional class". Mondoweiss 2014. <http://mondoweiss.net/2014/10/protective-destruction-professional>
- Degun, T. "Palestinian Paralympic Committee headquarters destroyed in Gaza bombings". Inside the Games 2012. <http://www.insidethegames.biz/paralympics/1011785-palestinian-paralympic-committee-headquarters-destroyed-in-gaza-bombings>
- Deleuze, G. Postscript on control societies. In: *Negotiations 1972-1990*. New York: Columbia University Press, 1997.
- Deutsche Presse-Agentur. "Palestinians to outnumber Jewish population by 2020, report says", Seattle Times 2012. http://seattletimes.com/html/nationworld/2020031415_palestinianpopulation.xml.html
- Doctors without Borders. "Gaza: a population under siege". Doctors Without Borders 2014. <http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/gaza-population-under-siege>
- Esmeir, S. "Colonial experiments in Gaza". Jadaliyya 2014. <http://www.jadaliyya.com/pages/index/8482/colonial-experiments-in-gaza>
- Fanon, F. *A dying colonialismo*. New York: Grove Press, 1994.
- Feldman, A. "Genocidal desistance in Gaza". Social Text 2014. <http://socialtextjournal.org/genocidal-desistance-in-gaza/>

- Feldman, I. "Gaza's humanitarianism problem" *Journal of Palestine Studies* 38, 22-37 (2009).
- Foucault, M. *Society must be defended*. Lectures at the Collège de France 1975-76. London: Allen Lane, 2003.
- Foucault, M. *Discipline and punish: the birth of the prison*. New York: Random House, 1977.
- Gisha – Legal Center for Freedom of Movement. "The Gaza Cheat Sheet: Real Data on the Gaza Closure". Gisha 2015a. http://www.gisha.org/UserFiles/File/publications/Info_Gaza_Eng.pdf
- Gisha. "A Costly Divide: Economic Repercussions of Separating Gaza and the West Bank". Gisha 2015b. http://gisha.org/UserFiles/File/publications/a_costly_divide/a_costly_divide_en-web.pdf
- Graff, J. "Crippling a people: Palestinian children and Israeli state violence" *Alif: Journal of Comparative Poetics* 13, 46-63 (1993).
- Haas, A. and Efrati, I. "Gaza's water system collapsing due to IDF strikes, says Red Cross", *Haaretz* 2014. <http://www.haaretz.com/news/middle-east/.premium-1.605332>
- Hamid, H. "Why are the Arab Gulf countries silent on Gaza?". *The Guardian* (UK) 2014. <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/aug/08/arab-gulf-states-silent-on-gaza>
- Henderson, B. "Israel air strike 'hits charitable association for disabled' in Gaza". *The Telegraph* 2014. <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/israel/10963427/Israel-air-strike-hits-charitable-association-for-disabled-in-Gaza.html>
- IRIN. "Analysis: donors threaten to withhold Gaza aid", *IRIN: Humanitarian News and Analysis*". *Irin News* 2014. <http://www.irinnews.org/report/100690/analysis-donors-threaten-to-withhold-gaza-aid>
- Jamjoum, L. "The effects of Israeli violations during the second uprising 'Intifada' on Palestinian health conditions" *Social Justice* 29, 3 (2002).
- Kasrils, R. "Gaza and the 'crime of crimes'". *Al Jazeera* 2014. <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/gaza-crime-crimes-201492664043551756.html>
- Khalili, L. "A habit of destruction", *Society and Space*". *Society and Space* 2014. <http://societyandspace.com/material/commentaries/laleh-khalili-a-habit-of-destruction/>
- Le More, A. "Killing with kindness: funding the demise of a Palestinian state" *International Affairs* 81, 981-999 (2005).
- Mbembe, A. "Necropolitics" *Meintjes, Public Culture* 15, 11-40 (2003).

- McFann, H. "Violent waste". *Geographies of Waste* 2014.
<http://www.geographiesofwaste.com/projects.html>
- Morgensen, S. "The biopolitics of settler colonialism: right here, right now" *Settler Colonial Studies* 1, 1 (2011).
- Negarestani, R. Drafting the inhuman: conjectures on capitalism and organic necrocracy. In: Bryant, L, Srnicek, N. and Harman, G. (eds). *The speculative turn: continental materialism and realism*, Melbourne: re.press, 2011.
- Netanyahu, B. "Interviewed by Wolf Blitzer, CNN, 21 July". CNN 2014.
<http://www.cnn.com/2014/07/20/world/meast/mideast-crisis-blitzer-netanyahu-interview/>
- OCHA (United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs). "Occupied Palestinian territory: Gaza emergency— situation report (as of 4 September 2014, 08:00 hrs)". OCHA OPT 2014. http://www.ochaopt.org/documents/ocha_opt_sitrep_04_09_2014.pdf
- Oren, M. "Israel must be permitted to crush Hamas". *Washington Post* 2014.
http://www.washingtonpost.com/opinions/michael-oren-israel-must-be-permitted-to-crush-hamas/2014/07/24/bd9967fc-1350-11e4-9285-4243a40ddc97_story.html
- PCBS (Palestinian Central Bureau of Statistics). "On the 65th anniversary of the Palestinian Nakba". PCBS 2013. <http://www.pcbs.gov.ps/site/512/default.aspx?tabID=512&lang=en&ItemID=788&mid=3171&wversion=Staging>
- Pugliese, J. (forthcoming). "Forensic ecologies of occupied zones and geographies of dispossession" *borderlands e-journal*, (2015).
- Qandil, A. "Gaza faces imminent water crisis". *Al Jazeera* 2014.
<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/07/gaza-faces-imminent-water-crisis-201471755035576420.html>
- Qato, D. "The politics of deteriorating health: the case of Palestine" *International Journal of Health Services* 34, 2 (2004).
- Qouta, S. and El Sarrai, I. "Prevalence of PTSD among Palestinian children in Gaza Strip" *Arabpsynet Journal*, 2 (2004).
- Rose, N. *The politics of life itself: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- Rosenberg, J. "Talk given at SOAS, part of 'Reflection on Dispossession'" 2014.
- Said, H. and Zahriyeh, E. "Gaza's kids affected psychologically, physically by lifetime of violence". *Al Jazeera* 2014. <http://america.aljazeera.com/articles/2014/8/1/health-gaza-children.html>

- Salaita, S. *Israel's dead soul*. Philadelphia: Temple University Press, 2011.
- Salamanca, O. J. "Unplug and play: manufacturing collapse In Gaza" *Human Geography* 4, 1 (2011).
- Schulze, M. "Understanding the UN convention on the rights of persons with disabilities", *Handicap International* 2010.
http://www.hiproweb.org/uploads/tx_hidrtdocs/HICRPDManual2010.pdf
- Schembri, K. "Exchange with Maher Najjar". 2010. Posted publicly at
<https://www.facebook.com/karl.schembri/posts/10152139900211595>
- Seikaly, S. "Counting calories and making lemonade in Gaza", *Jadaliyya* 2012.
<http://www.jadaliyya.com/pages/index/8339/counting-calories-and-making-lemonade-in-gaza->
- Shalhoub-Kevorkian, N. "Palestinian children as tools for 'legalized' state violence" *borderlands* 13, 1 (2014a). http://www.borderlands.net.au/Vol13No1_2014/shalhoub-kevorkian_children.htm
- Shalhoub-Kevorkian, N. "Criminality in spaces of death: the Palestinian case study" *British Journal of Criminology* 54, 1 (2014b).
- Sherwood, H. "UN officials accused of bowing to Israeli pressure over children's rights list". *The Guardian* 2015. <http://www.theguardian.com/world/2015/mar/17/un-officials-accused-buckling-israeli-pressure-childrens-rights-list>
- Sherwood, H. "Israel using flechette shells in Gaza". *The Guardian* 2014.
<http://www.theguardian.com/world/2014/jul/20/israel-using-flechette-shells-in-gaza>
- Stevenson, L. "The psychic life of biopolitics: survival, cooperation, and Inuit Community" *American Ethnologist* 39, 3 (2012).
- Tawil-Souri, H. "Digital occupation: Gaza's high-tech enclosure" *Journal of Palestine Studies* 41, 2 (2012).
- Tawil-Souri, H. "Hacking Palestine: a digital occupation". *Al Jazeera* 2011.
http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/11/201111715155960_1957.html
- Taylor, A. "In the fight between Israel and Hamas, Gaza's hospitals are in the Middle". *Washington Post* 2014a. <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/07/22/in-the-fight-between-israel-and-hamas-gazas-hospitals-are-in-the-middle/>
- Taylor, A. "Israel hopes phone calls to Palestinians will save lives. It ends up looking Orwellian". *Washington Post* 2014b.
<http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/07/17/israel-hopes-phone-calls-to-palestinians-will-save-lives-it-ends-up-looking-orwellian/>

- Thabet, A. et al. “Comorbidity of post traumatic stress disorder, attention deficit with hyperactivity, conduct, and oppositional defiant disorder in Palestinian children affected by war on Gaza” *Health* 5, 994-1002 (2013).
- Thabet, A. and Vostanis, P. “Impact of political violence and trauma in Gaza on children’s mental health and types of interventions: a review of research evidence in a historical context” *International Journal of Peace and Development Studies* 2, 8 (2011).
- Thabet, A. “Child mental health problems in the Gaza Strip” *The Israeli Journal of Psychiatry and Related Sciences* 42, 2 (2005).
- UNRWA. “Gaza in 2020: a liveable place?”. UNRWA 2012.
<http://www.unrwa.org/newsroom/press-releases/gaza-2020-liveable-place>
- Weheliye, A. *Habeas viscus: racializing assemblages, biopolitics, and black feminist theories of the human*. Durham: Duke University Press, 2014.
- Weizman, E. *The least of all possible evils: humanitarian violence from Arendt to Gaza*. New York: Verso Books, 2012.
- Withnall, A. “Israel-Gaza conflict: deadly flechette shells used by Israeli military in Gaza Strip”. *The Independent* (UK) 2014. <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/israelgaza-conflict-israeli-military-using-flechette-rounds-in-gaza-strip-9617480.html>
- Wolfe, P. “Settler colonialism and the elimination of the Native” *Journal of Genocide Research* 8, 4 (2006).
- Wolfe, P. *Settler colonialism and the transformation of anthropology: the politics and poetics of an ethnographic event*. London: Bloomsbury Academic, 1999.